

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO  
ESTRANGEIRO

3.º ANNO

15 DE SETEMBRO DE 1880

VOLUME III — N.º 66

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS-ARTES EM PORTUGAL, EM 1880



JUDITH — Escultura de Simões d'Almeida, pertencente à sr.ª condesa d'Edla (segundo uma photographia de H. Nunes)

## SUMMARIO

**TEXTO.** — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — D. Adelardo Lopez de Ayala e D. João Eugenio Hartzenbusch, H. C. — As nossas gravuras — D. Luis de Athaide, BRUTO REBELLO — A custodia do convento dos Jeronymos, BRUTO REBELLO — De Buenos Aires a Pampa, FRANCISCO D'ALMEIDA — Que triste fim!... ALBERTO BRAGA — Bibliographia.

**GRAVURAS.** — Exposição da Sociedade Promotora de Bellas-Artes em Portugal, em 1880, Judith, escultura de Simões d'Almeida — A Tabela das Multas, quadro de M. de Macedo — D. João Eugenio Hartzenbusch — D. Adelardo Lopez de Ayala — O frontão do novo edificio dos paços do conselho de Lisboa — Marinha de guerra portugueza, o Fulminante, barco para o lançamento de torpedos — Exposição da Sociedade Promotora de Bellas-Artes em Portugal, em 1880, em Corroios, paisagem, quadro de H. Pinto. — Enigma.

## CHRONICA OCCIDENTAL

A noticia, para nós e para os leitores do OCCIDENTE, predominante da quinzena, é uma noticia triste, partiu para Paris Guilherme d'Azevedo.

A estas horas tem elle já corrido todo Paris, com aquella febre de locomoção que o não deixava estar parado n'um sitio mais de cinco minutos.

A gente estava a fallar com elle muito bem, de repente olhava, era uma vez Guilherme d'Azevedo. Desapparecia com muito mais rapidez que os feitiçeiros das magicas portuguezas.

Em elle dando uma reviravolta sobre os calcanhares com um sorriso distraído e a fazer equilibrios estravagantes com a sua bengala delgada, era sabido: elle ahí fa.

Da ultima reviravolta foi até Paris.

Agora deve elle já lá andar muito espantado, muito aborrecido, por não encontrar, ali, ao pé da Havaneza o Raphael Bordallo.

E depois hade lhe fazer muita falta á meia noite as torradas e o Valentim do Martinho, aquellas torradas e aquelle Valentim que eram ha muitos annos, a sua ceia permanente e invariavel.

Torradas ainda elle lá poderá encontrar mas Valentim... Valentim ha só um no mundo e esse, temol-o nós no nosso seio.

É uma grande falta em Lisboa a de Guilherme d'Azevedo, falta na imprensa, porque ha pouco entre nós quem tenha aquelle feltro litterario essencialmente moderno, a verve profundamente humoristica, muitas vezes caustica, nunca grosseira, a observação justa, frisante, rapida, esse talento especial e indispensavel ao chronista, de apanhar logo qualquer acontecimento pelo seu lado comico, descobrir no primeiro olhar o calcanhar de todos os Achilles, e saber ter sobre todos os factos o primeiro *mot* e ao mesmo tempo a ultima palavra: falta na conversação, porque trazia para ella, permanentemente, todos estes raros dotes de chronista parisiense, realçados então pela maneira estranha, originalissima, de dizer a phrase, de commentar o facto e por uma bonhomia franca, que tirava ao seu humorismo o tom aggressivo, que ás vezes lhe davam as tintas da impressão: falta na vida intima porque poucos corações ha tão dedicados e tão cheios de bons sentimentos como o d'elle porque não ha espirito mais leal, e caracter mais honrado, direito, digno e serio.

Era uma perfeita perola, aquelle excellente rapaz, alegre companheiro, e notabilissimo humorista, a vida agitada, ampla, complexa, de Paris vae-lhe fornecer assumpto vasto para elle dar largas ao seu brilhante espirito, que mesmo esmagado pela estreiteza dos limites moraes da nossa sociedade, sabia tirar da vida acanhada e monotona de Lisboa, scintillações luminosas e radiantes.

Guilherme d'Azevedo partiu na segunda

feira da semana passada para Paris, no dia immediato a dois grandes acontecimentos de Lisboa, as eleições e a peça chinesa.

— Levo para Paris, dizia Guilherme d'Azevedo já dentro do comboyo, a recordação de duas grandes manifestações nacionaes. Na arte — a representação do Yo-cheon, na politica a eleição do sr. Simões Carneiro.

— Tem agitado extraordinariamente a opinião publica e a imprensa de Lisboa a prohibição das pegas nas toiradas. Eu, francamente sou contra a abolição das pegas, porque o que acho de selvagem e brutal nas touradas não são as pegas são simplesmente as proprias touradas.

Mas no meio de tudo isto o que me parece estranho é que a grande indignação do publico e da imprensa contra as pegas e contra as toiradas fosse originada unicamente pela morte de dois forcados.

Em primeiro logar os forcados não morreram, pelo menos officialmente, das pegas. As certidões d'obito dão, segundo me dizem, um como morto d'uma doença antiga e chronica, o outro morto d'uma congestão que sobreveio a uma indigestão de pepino.

Ora não comprehendendo como por um homem morrer d'uma indigestão de pepino, se prohibem as pegas. A logica, e o simples bom senso, mandaria, a ter de prohibir alguma coisa, prohibir simplesmente os pepinos.

Mas que esses dois homens morressem ou não das pegas, o que temos nós com isso.

Os forcados são uns sujeitos que no uso do pleno direito de avaliar como entenderem a sua vida, e como os melhores mais competentes avaliadores que ella pôde ter, a avaliam em quatro mil e quinhentos réis.

Por este preço esses homens vão muito contentes, por sua livre e espontanea vontade, lançar-se nas armas d'um touro. É um duello desigual porque o homem vae ali voluntariamente, porque quer ir, e o boi vae levado, sem ninguem lhe perguntar se elle quer ou não ir-se bater com o sr. José Saloio, ou com o sr. Manuel da Charneca.

Se o homem indo bater-se com um animal feroz, passa a ser tambem animal, a culpa não é nossa. Uma vez ou outra o touro vence. Não temos em boa e imparcial justiça senão que applaudir o touro, como quando elle é vencido applaudimos o seu adversario victorioso.

O forcado morre n'esse duello. Não temos nada com isso: não fosse lá, ninguem lá o mandou, nem mesmo a necessidade, porque o forcado é por sua profissão um homem robusto e forte que tinha muito mais em que applicar os seus musculosos braços e o seu tempo, do que em andar a expôr inutilmente a sua vida na lucta estúpida, improfua, selvagem, e immoral com os touros.

Elle arrisca a sua vida por uma libra, e alguns charutos de vintem; para este preço não temos lagrimas na nossa sentimentalidade.

E depois ha uma coisa muito curiosa, muito original.

Os touros tem morto, atropellado, esburacado ahí pelas ruas da cidade, e pelas azinhagas proximas, uma immensidade de gente pacifica, que recolhia para sua casa, dava o seu passeio ou ia para o seu trabalho; e nunca a indignação de Lisboa clamou contra as touradas. Agora morrem dois homens, que fazem profissão de forcados, que vão expôr todas as tardes as suas vidas, porque entendem que ellas não valem mais do que o dinheiro que lhes dá o empresario das touradas, e a compaixão, a sensibilidade, publica, põe-se a chorar sobre esses cadaveres, lagrimas ardentes e artigos longos e indignados.

Francamente, não comprehendendo estas lagrimas, nem esta indignação.

Quem vae pegar n'um boi, sabe ao que se arrisca, e arrisca-se porque quer. A prohibição das pegas tem só por fim, precaver do touro aquelles que vão ter com elle por sua livre vontade. Nós o que queremos é a prohibição das touradas, que tem por fim livrar dos touros toda a gente que não tem nem quer ter relações com elles.

A abolição das pegas é uma medida inutil: a abolição do touro, seria um serviço ás costas da população de Lisboa, e á agricultura de Portugal.

— Os theatros começam a abrir as suas portas, mas o publico custa-lhe por enquanto alguma coisa a entrar. Está muito calor ainda lá dentro, e é preciso que como antidoto do calor se lhe dê algum attractivo poderoso como por exemplo a Trindade que lhe deu a sr.<sup>a</sup> Anna Pereira, de regresso áquelle theatro depois d'uma longa ausencia de muitos annos, com mais talento, mais gentileza e melhor voz ainda, se não foram as saudades que tinhamos de a ouvir que nos fez parecer tudo isto.

A Rua dos Condes abriu tambem e se este velho theatro pela insignificancia do seu repertorio não tem merecido as attentões da chronica, merece-as agora, ainda não pelo repertorio, que por enquanto é de *reprises*, mas pelo seu novo empresario um excellente rapaz, que tem um nome muito conhecido e estimado na boa litteratura o sr. Salvador Marques.

O Gymnasio vae abrir. D. Maria não se sabe ainda quando abrirá. Está em obras, e oxalá que as obras sejam a valer, e não uns atamanços reles e grosseiros que o deixem em condições peiores do que elle estava: porque um theatro a cair a pedaços, como estava D. Maria, deixa antever a esperanza de uma renovação proxima e intransferivel; um theatro atamancado pôde durar assim toda a vida. É a grande vantagem que tem as doenças agudas sobre as doenças chronicas.

— O sr. Amann quix penitenciar-se das batallas dos Zulus, das erupções do Vesuvio, das peças chinezas, e mesmo dos fantoches, e trouxe para o Coliseu a sociedade dos concertos classicos de Madrid.

A orchestra veiu mutilada, nfas ainda assim redime o sr. Amann de todos os seus chinezes. É uma orchestra magnifica, dirigida esplendidamente pelo sr. Breton, um verdadeiro artista e um excellente *maestro* director.

Até nas *toilettes* dos musicos ha uma afinação extraordinaria. Muito bem, excellentemente, irreprehensivelmente tudo, tudo desde o *ensemble* da abertura da *Mignon* até ao das gravatas brancas.

— Estão já em Lisboa alguns estrangeiros illustres, membros dos dois congressos litterario e anthropologico, que dentro de breves dias se devem realisar na nossa cidade.

A camara municipal, a associação dos homens de letras e a commissão preparatoria do congresso anthropologico, preparam-se para fazer dignamente as honras da casa aos illustres hospedes.

É de esperar que Lisboa, tomando em consideração estas visitas, e lembrando-se que não está em familia, suspenda por alguns dias as febres d'Alcantara, a matança dos cães e as peças chinezas.

GERVASIO LOBATO.

D. ADELARDO LOPES D'AYALA

E

D. JOÃO EUGENIO HARTZENBUSCH

O anno de 1879 despediu-se de Hespanha arrebatando-lhe uma das mais brilhantes estrellas da sua coroa poetica, e o anno que vai correndo não se tem poucado a arrancar-lhe um largo tributo das suas glorias.

Então foi Lopes d'Ayala, depois Fernandez de los Rios, ha pouco Hartzenbusch, pouco depois Calvo Ascencio, mais recentemente Bofarull. Não ha descanço para avaliar tão grandes perdas.

Adelardo Lopes d'Ayala nasceu em 1829, dotado de um natural exuberante, de uma figura elegante, e de uma cabeça distinctissima, parecia estar na força e vigor do seu desenvolvimento, quando de repente uma doença rapida o arrebatou á gloria, aos amigos e á patria a 30 de dezembro de 1879.

Presidia então Lopes d'Ayala ao congresso nacional. Davam-lhe direito a este elevado cargo o seu notavel talento e dotes d'alma.

A sua vida politica um tanto inconsciente, a sua na-



## D. LUIZ D'ATHAIDE

(Continuado do numero antecedente)

Alli chegou a 31 de agosto do anno seguinte, entregando-lhe logo a posse do governo o heroico e infeliz D. Diogo de Menezes, que havia de ser a primeira victima illustre sacrificada pelo sanguinario duque d'Alba, nos altares da patria que tão lealmente intentou defender.

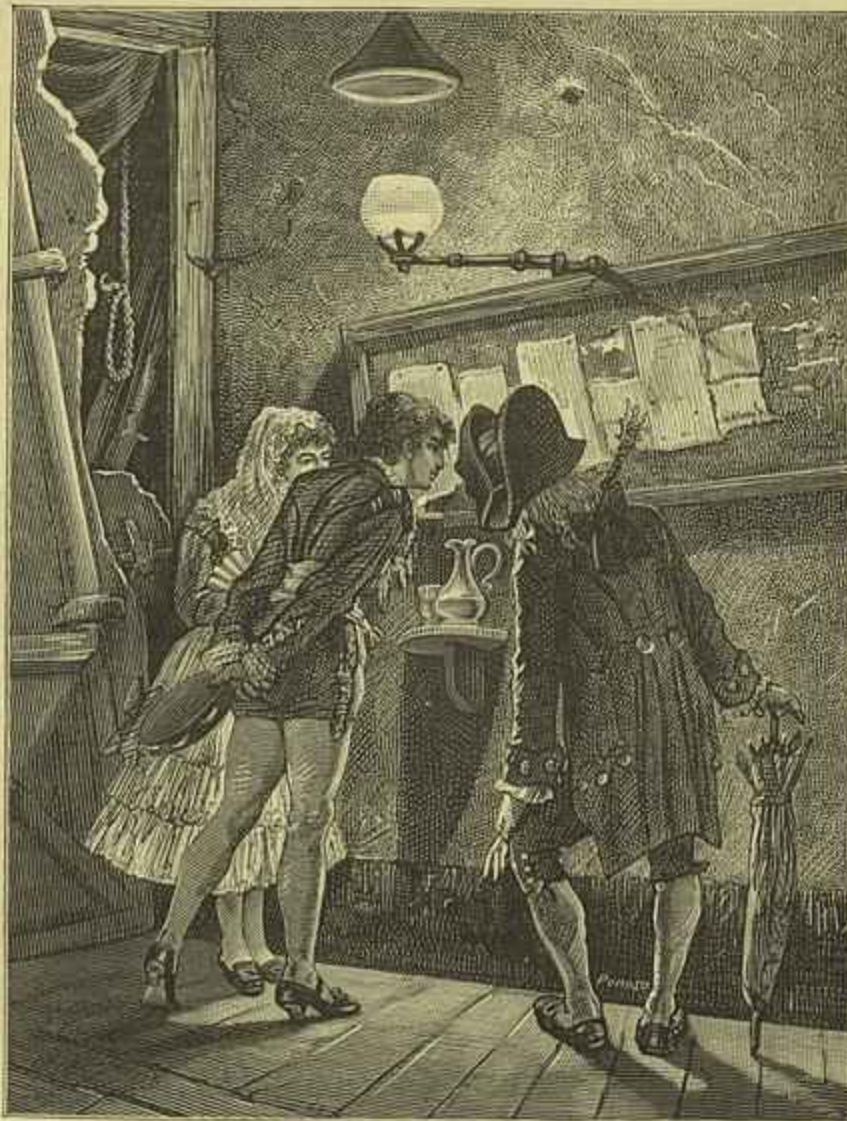
Durante este intervalo, apesar de alguns successos variaveis, a India balouçava um pouco, conservando porém ainda o prestigio das armas.

Com a chegada de D. Luiz de Athaide tudo se consolidou. Hidal-kan, que tinha de novo encetado a guerra e com o qual houvera successos diversos, restabeleceu a paz que havia quebrado.

Provides todos os pontos onde se fazia mister força, continuava o conde de Atouguia o seu governo, quando em maio de 1579 chegaram a Goa as cartas do cardinal D. Henrique que participavam o desbarato de Alcaeer Kibir, a morte de D. Sebastião e a proclamação d'aquelle principe como rei de Portugal.

D. Luiz de Athaide que havia, ao chegar a India, convidado os fidalgos que alli militavam a ir acompanhar el-rei na sua jornada, não previa que ella já se tinha feito, e quão desastrosa havia sido!

Sentiu o desastre como portuguez verdadeiro, e continuou o seu governo com a prudencia e alto sizo de que era dotado. D'este segundo vice-reinado de D. Luiz de Athaide datam as suas sensatas providencias para sopear os prejuizos provenientes da alcada ecclesiastica, que excitava a emigração dos gentios, enfraquecendo a população, e os excessos e iniquidades de alguns frades e da inquisição. Foi tambem por este tempo (1589) que a ilha de Cey-

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS-ARTES  
EM PORTUGAL EM 1880

A TABELLA DAS MULTAS — Quadro de Manuel de Macedo, pertencente a Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia (Desenho do mesmo auctor)

lão foi doada a Portugal pelo rei d'ella D. João Proa Punhar.

Ao mesmo tempo que estes factos succediam na India, fallecia no reino el-rei D. Henrique, era acclamado D. Antonio Prior do Crato; D. Filippe fazia invadir Portugal pelos seus exercitos, que derrotavam o infeliz filho da Pelicana, e punha na sua cabeça a corda de Affonso Henriques, conquistada pela astucia, pela corrupção e pelas armas.

Diz-se que quando estas noticias chegaram a India D. Luiz de Athaide tivera ideas de reunir o escol das forças disponiveis d'aquelle imperio, desembarcar na França ou na Inglaterra e vir restituir o reino ao, embora illegitimo, esbolhado D. Antonio.

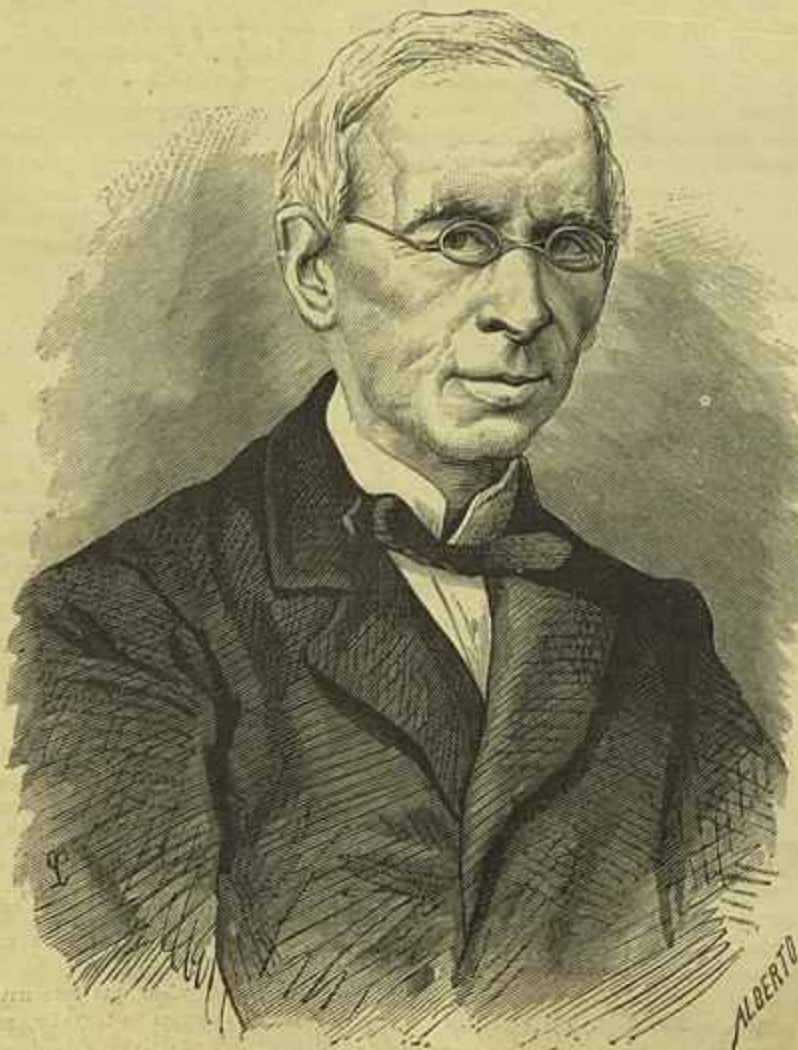
D. Filippe apressara-se a attrahir D. Luiz de Athaide elevando-o a Marquez de Santarem. Esta graça, felizmente, já não achou vivo o grande homem.

D. Luiz de Athaide ao saber a esaravidão da patria, succumbia a 9 de março de 1581 em Goa. Diz-se que ao sentir-se morrer exclamava «ora morra eu e seja tudo contra Portugal!»

Apagada esta grande luz no oriente, foram os despojos do grande homem depositados na capella mór da igreja dos Reis Magos de Goa, junto aos de seu irmão D. João de Athaide.

Segundo o disposto em seu testamento, foram os seus ossos trasladados passado tempo para o convento do Bom Jesus em Peniche, de que era donatario, e depositados n'um soberbo tumulo na capella mór do lado do evangelho.

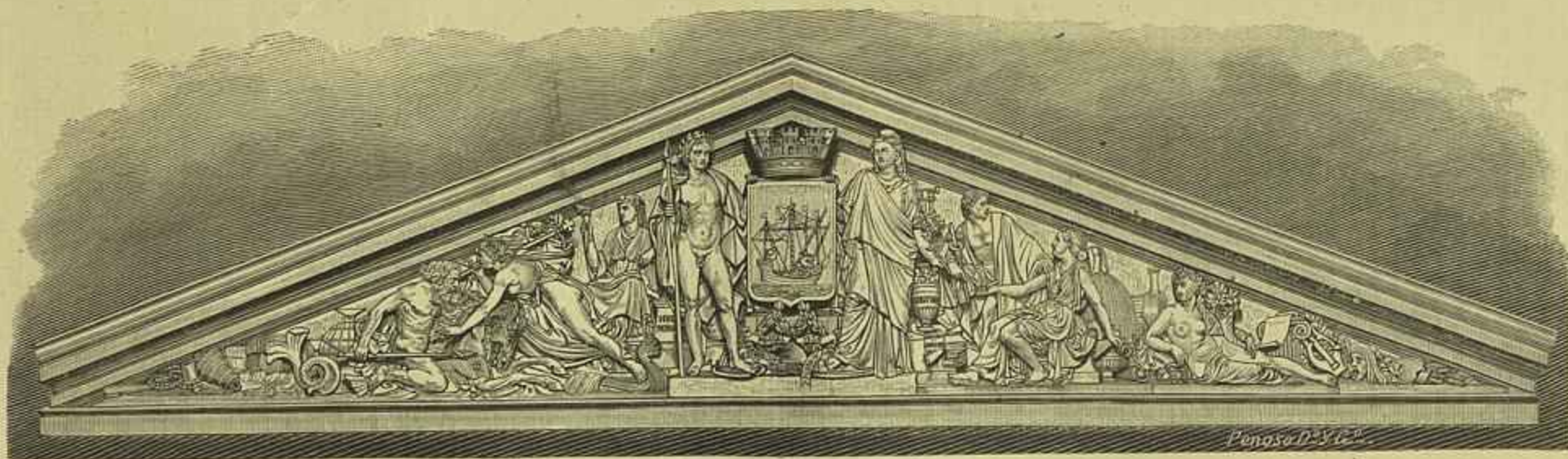
Em 1834 sendo extinctas as ordens monasticas, ficou abandonado o mosteiro e mãos barbaras, dizem que um punhado de estrangeiros, julgando saciar a sua políça profanara o venerando sarcophago, que em qualquer outro paiz seria objecto do culto e



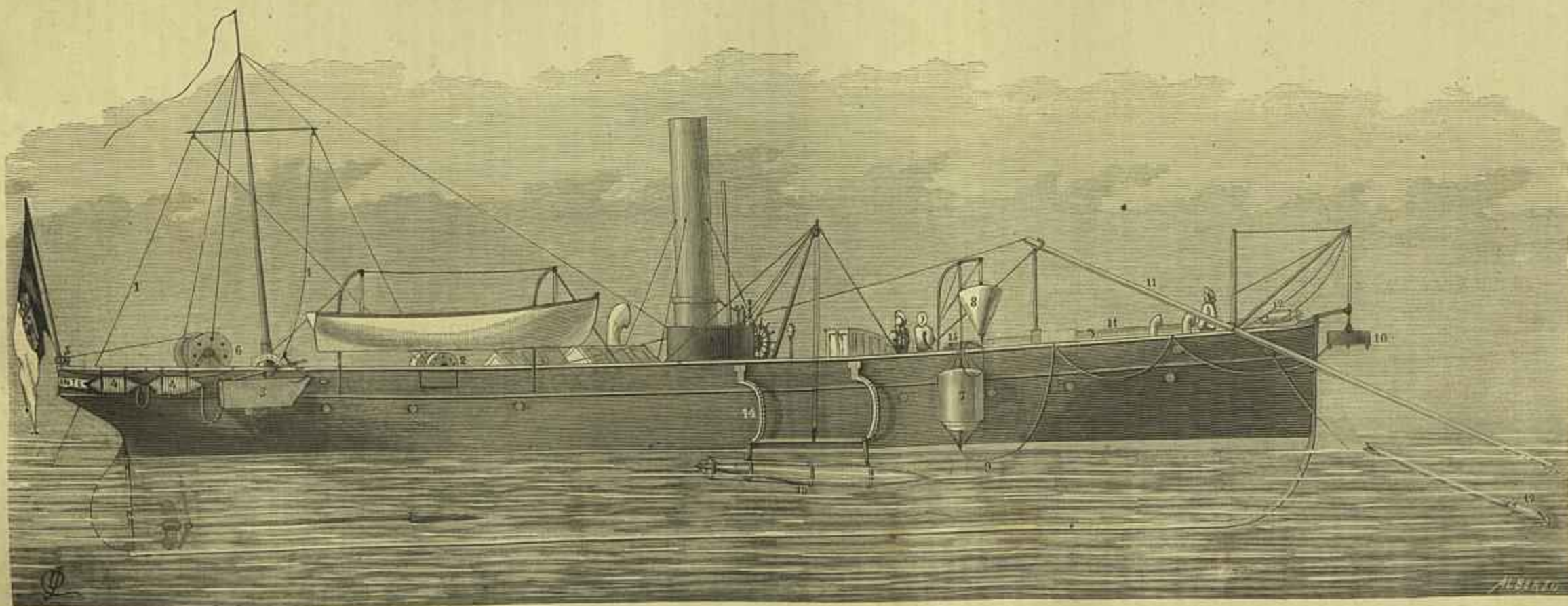
D. JOÃO EUGENIO HARTZENBUSCH



D. ADELARDO LOPEZ DE AYALA



O FRONTÃO DO NOVO EDIFÍCIO DOS PAÇOS DO CONCELHO DE LISBOA — Escultura de Calmelt (Segundo uma photographia de H. Nunes)



MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA — O FULMINANTE, BARCO PARA O LANÇAMENTO DE TORPEDOS (Desenho do natural por J. Dantas)

1 Cabos de reboque do torpedo Harvey. — 2 Guinchos dos ditos cabos. — 3 torpedo Harvey. — 4 Boias do dito torpedo. — 5 Roletes de retorno do cabo electrico para os torpedos fixos. — 6 Tambor do dito cabo. — 7 Torpedo fluctuante. — 8 Boia com fecho circuito electrico. — 9 Cabo de fundear o torpedo e cabo electrico. — 10 Ancora do fundear o torpedo. — 11 Antenas dos torpedos do capitão Mac Evoy. — 12 Torpedos do capitão Mac Evoy. — 13 Torpedo fluctuante de grande velocidade Whitehead. — 14 Apparelio de lançamento do dito torpedo. — 15 Guincho a vapor.

respeito de todos os cidadãos. Como o convento do Bom Jesus cahia em ruínas, o administrador do concelho, Verissimo de Almeida, segundo o sr. dr. Teixeira de Aragão, ou um piedoso sacerdote, segundo o sr. Ribeiro Arthur, fez trasladar para a igreja de Nossa Senhora da Ajuda, aquellas venerandas reliquias.

Alli foram metidas n'um armario de um corredor, que a nossa gravura representa, e, como estivessem em um sacco e expostas a freme algum dia parar ao monturo, o sr. Ribeiro Arthur as fez guardar n'uma caixa a que adaptou uma declaração do que contém. Esperam os ossos de um dos mais nobres fillos de Portugal que os depositem algures, já que mãos vandalicas os arrancaram do seu tumulo.

Em 1878 os srs. Ivo Carneira e João Baptista Ribeiro Guizado, propozeram á camara de Peniche, de que eram dignos vereadores, a votação de uma verba para se erguer um jazigo no cemitério da villa a D. Luiz de Athaide; com a mudança de vereação ficou o projecto sem sequencia.

Continuará este estado? Não chegou ainda a época de se pagarem as dividas da patria? O tumulo do Bom Jesus, levantado á custa da familia de D. Luiz d'Athaide desapareceu, sem que se saiba como, e até a inscrição latina que o ornava; naturalmente estará servindo de padieira d'algum forno ou d'alguma estrebearia; pois já que Peniche fez e tolerou este crime, cumpre-lhe desagravar-se d'elle.

Se Vasco da Gama abriu a navegação da India, se Afonso de Albuquerque fundou ali o nosso dominio, D. Luiz de Athaide seguiu-o quando estava prestes a derruir-se, ajuntando novos flores á coroa de Portugal.

Deixámos que os frades da Graça atirassem para algum monturo os ossos de Affonso de Albuquerque, que as freiras de Sant'Anna ou os seus mestres de obras dispersassem a ossada de Camões, não haverá cinco réis para uma pedra e um palmo de chão onde acabe de se consumir o que resta de D. Luiz de Athaide?

Ousamos esperar-o da camara de Peniche e do governo.

Por occasião da celebração do centenário de Camões recebemos o desenho que publicamos a paginas 145, e uma noticia sobre este desamento, devido tudo ao zelo do sr. Sesinando Ribeiro Arthur. Preparavamo-nos para verberar esta grande afronta, quando o *Universo Illustrado* excellente periodico, dirigido por aquelle cavalheiro, trouxe mão do assumpto. O facto porém foi n'essa mesma occasião communicado ao publico pelo sr. Teixeira de Aragão a pag. 164 do 3.<sup>o</sup> vol. da sua *Descripção geral e historica das moedas... de Portugal*, e já o havia sido, annos antes pelo sr. Pinho Leal no *Portugal antigo e moderno*.

N'estas noticiosissimas obras, nas diversas historias do reino, Decadas de Couto e nomeadamente nas *Memorias para a historia de D. Sebastião*, de Diogo de Barbosa Machado, na *Historia de Portugal* do sr. Pinheiro Chagas, e na *Historia da India no tempo que a governou D. Luiz de Athaide*, por Antonio Pinto Pereira, poderão os curiosos ver mais por extenso o que acerca de tão grande varão resumimos.

Quando o seu retrato nos chegar de Goa, apresental-o-hemos aos nossos leitores.

BRITO REBELLO.

## A CUSTODIA DO CONVENTO DOS JERONYMOS

### II

#### O ARTISTA

Vimos que o testamento de el-rei D. Manuel nos revelára algumas obras de um grande artista, que no principio do seculo xvi elevava a ourivesaria portugueza ao seu apogeo.

Esta arte, como algumas outras, estava então no seu maximo desenvolvimento e perfeição em Portugal. Artistas de varias nações concorriam a este paiz, não só porque este estava então no periodo do seu maior esplendor, mas porque n'elle achavam facil emprego ás suas faculdades e auferiam retribuições condigna Ourives, illuminadores, imaginarios, escripturarios, pintores, doiradores, entalhadores, musicos, carpinteiros, pedreiros, e outros quantos, eram empregados nas construcções e obras de todo o genero, que de um a outro angulo do paiz se faziam de novo, ou se acrescentavam ás existentes.

O oiro da mina, depois a especiaria, os artefactos e produções da Asia, ao passo que davam um golpe mortal na agricultura, excita-

vam o luxo e com elle toda a exuberancia de productos artisticos que lhe formam sequito.

Gil Vicente o auctor da custodia dos Jeronymos não era unico no seu genero, e durante os reinados de D. Manuel e D. João III viveram aqui muitos ourives já portuguezes, já estrangeiros, os quaes produziram obras, que se não podem assignalar hoje, que pela maior parte se perderam, das quaes existirão acaso ainda algumas, e que agora ou logo um documento, uma verba d'um livro darão ou dão a conhecer.

Gil Vicente, Diogo Fernandes, Affonso Pires, João Cansado, Balthazar Cornejo, Diogo Rodrigues e outros respeitou-os o tempo, e deixou chegar seu nome e a noticia de algumas das suas obras até nós, mas são necessarios longos dias para averiguar e agrupar os poucos dados, que se acham dispersos pelos varios monumentos historicos.

A historia de Portugal em quasi todos os seus ramos está quasi por fazer. Ainda ha mister muito trabalho de analyse, de estudo, de investigação, de comparação, primeiro que a synthese se possa estabelecer sobre qualquer das suas partes.

Gil Vicente é o nome que representa para nós o symbolo da perfeição da ourivesaria.

Sabe-se de outras obras feitas pelo artista, mas perdeu-se o conhecimento da existencia d'ellas. O testamento de D. Manuel menciona a custodia, de que tratamos, e uma cruz grande, que desapareceu. Os trechos do testamento da rainha D. Leonor, mulher de D. João II, publicados por fr. Jeronymo de Belem na *Chronica seraphica da provincia dos Algarves* apenas nos dizem que fez alguns calices.

Deve Gil Vicente ter produzido muito mais obras, cuja noticia não chegou até nós, como também se ignoram os auctores da maior parte dos artefactos que hoje se fabricam. Se os modernos alguma noticia dão de um ou de outro, os antigos eram por maior descuidados a tal respeito.

Ignora-se a naturalidade de Gil Vicente, como se desconhecem quasi todas as circumstancias da sua vida. Sabemos apenas que era o ourives ou lavrante da rainha D. Leonor, como sabemos que João Cansado e Cornejo o eram da rainha D. Catharina, Diogo Rodrigues o foi da infanta — imperatriz D. Isabel, Diogo Fernandes da infanta D. Maria, malograda esposa do depois rei Philippe II, Affonso Pires, em certo periodo, o foi do convento de Thomar, e outros.

Não podemos assignalar a epocha do nascimento de Gil Vicente, mas indubitavelmente o seria pelo meado do reinado de D. Affonso V, devendo ter fallecido depois de 1517, anno em que parece já estar quasi impossibilitado de servir.

O seu nome, assaz vulgar, como uma grande parte dos d'aquelle tempo, até dos mesmos nobres, tem feito suspeitar que seja o mesmo individuo, que nos reinados de D. João II, D. Manuel e parte do de D. João III tão grande aura alcançou como poeta, e deixou immorreitoiro nome nas letras portuguezas como fundador do nosso theatro.

Seduzia-nos um pouco essa idéa, mas os documentos e noticias que temos consultado e colligido fizeram-nos perder tão grata illusão.

Resumindo pois o que sabemos de Gil Vicente vê-se que em 1506 acabou a famosa custodia dos Jeronymos, devendo ter sido começada pelos fins de 1503, visto haver sido feita do ouro das primeiras pareas pagas pelo rei de Quiloa, trazidas por Vasco da Gama, que chegou a Lisboa no 1.<sup>o</sup> de setembro d'este ultimo anno. Isto é um prodigio de execução, que só pôde avallar quem examinar a custodia occularmente. Vê-se também que em 1509 por alvará ou provisão de 15 de fevereiro foi nomeado vedor e executor de todas as obras de ourivesaria que se fizessem para o hospital de todos os Santos, conventos de Thomar e Belem; que em 1513 por carta de 4 de fevereiro fôra nomeado mestre da balança da moeda de Lisboa; e finalmente que em 1517 por carta de 6 de agosto foi exonerado d'este cargo, renunciando-o em Diogo Rodrigues, ou-

rives da infanta D. Izabel. Ora tendo D. Manuel creado em 1506 mais um logar de mestre da balança para commodidade do publico e melhor serviço, é provavel que a renunciação tivesse por motivo a velhice de Gil Vicente, e portanto a impossibilidade de continuar a servir o cargo.

É natural que Gil Vicente fallecesse pouco depois, por isso que d'aquí em diante nada mais sabemos de positivo com relação ao grande artista, nem isso é de extranhar.

Hoje, depois da alteração profunda que as idéas sociaes soffreram nos ultimos 100 annos, da-se a consideração devida ao talento, seja qual fôr a forma porque se manifeste; no seculo xvi porém, e entre nós, o ourives não passava d'um official mechanico que nas moradias da casa real era assentado de mistura com a cristaleira, o regueifeiro, o sapateiro, o ferrador, o barbeiro, etc., e que nos privilegios concedidos aos officiaes de qualquer casa religiosa era envolvido com o pescador, o almocreve, o tosador, o hortelão, o moleiro e outros.

Assim quando qualquer rasão especial nos não faz conhecer o termo da existencia de um determinado individuo, elle extinguiu-se, sem que ninguém então quasi desse por isso, ficando a posteridade privada d'esse conhecimento.

O dia da morte do proprio Camões só quasi ao fim de 300 annos por acaso foi conhecido; e Camões era de origem nobre, era escudeiro, e já tinha publicado os *Lusiadas*!

Isso não importa para que a individualidade artistica de Gil Vicente não seja perfeitamente estabelecida e o seu nome justamente collocado no pinaculo da arte nacional.

Tinhamos concluido aqui o nosso breve estudo e intentavamos publicar os documentos comprovativos, quando tivemos conhecimento do artigo do nosso amigo e patricio Dr. Theophilo Braga publicado no n.<sup>o</sup> 5 da revista philosophica — *O Positivismo*. — N'este artigo o illustre professor persiste em demonstrar que o poeta Gil Vicente, não só é o mesmo ourives auctor da custodia, mas ainda porteiro dos contos do almoxarifado de Beja e dos do mestrado d'Aviz, requeredor das sizas de Santarem e mestre das obras de carpinteria d'esta então villa e dos paços de Almeirim.

Como estamos em divergencia, em novo paragrapho analysaremos a sua opinião e produziremos os motivos porque a não podemos partilhar.

(Continua).

BRITO REBELLO.

## DE BUENOS AIRES Á PAMPA

POR CERDOBA

(Continuação)

A penna, como diria Santiago Estrada, nega-se a pintar a noite azul das ilhas, porque não encontra tintas apropriadas na palheta da imaginação. A atmosphera embalsamada, o céo purissimo e as selvas virgens do Paraná, não podem reflectir-se senão na alma do poeta. Trasladas d'ahi para a tela, é tarefa vã. A transparencia do ar, as sombras, as meias tintas, os perfis d'aquelle paizagem, vêem-se, sentem-se, mas não se podem pintar. A lingua é também um instrumento rebelde que não exprime o que a cabeça concebe na presença de certos espectaculos.

Ao aproximarmo-nos do Rosario levantou-se um nevoeiro, inconcebível n'um dia de verão; o um frio intenso obrigou-nos a cobrir com e capote da cordilheira o fato leve da planicie queimada pelo sol canicular.

— El Rosario, disse-me Santiago Estrada, es la llave de la navegacion del Paraná y la puerta del interior de la Republica Argentina. Colonia cosmopolita, debe sus progresos materiales á la naturaleza y á los derechos diferenciales con que el gobierno de la Confederacion atrajo á su puerto el comercio extranjero en hostilidad á Buenos Aires, cuando esta provincia se hallaba segregada del cuerpo de la nacion.

— El establecimiento de centenares de europeos que acudieron atraídos por el cebo de la fortuna, acrecentou Balletto, y la fundacion de colonias agricolas en la provincia de Santa Fé, unidos á la colocacion de esa ciudad en el territorio, han operado en ella, en poco tiempo, una transformacion radical, convirtiendola en una de las mas importantes poblaciones de la Republica.

Efectivamente, o Rosario é a povoação argentina que mais se assimilha a Buenos Aires, bem que, como é de suppor, carece do movimento social e litterario, cuja ausencia caracteriza os povos essencialmente commerciaes e consagrados inteiramente ao desenvolvimento dos interesses economicos.

No dia seguinte continuámos a viagem no *ferro-carril central argentino*.

Pouco ou nenhum interesse offerece o caminho nas primeiras estações. A monotonia da planura não gera nenhum pensamento em quem a contempla das portinholas do carro. É um oceano de terra.

— Las grandes ventajas que el pais reportará de esta linea, observou-me Santiago Estrada, se empezarán á sentir apenas se clave el último de sus rieles y se estienda hasta el Rio Cuarto, que es el punto del cual se bifurcan todos los caminos del interior.

De feito, ligadas as vias de communicação ao Rio Cuarto, como os nervos ao cerebro, o *ferro-carril central argentino* será a columna vertebral de um novo systema de caminhos.

— El está llamado á llevar la vida á las poblaciones diseminadas en el desierto, á derramar á su paso la fecundidad, á cubrir de aldeas las ciento cincuenta leguas de terrenos incultos que han sido concedidas á la empresa explotadora.

— E quando se realizará esse sonho?

— Calla! portuguez descreído, gritou Gutierrez. Quando las lineas paralelas sobre que marcha la locomotora triunfante, opriman la tierra del indio, el extranjero se la disputará al salvaje, la seguridad de la propiedad llevará el colono á los campos desiertos, la corriente de inmigracion que se condensa, se estanca, produce el miasma y muere en Buenos Aires, romperá el dique del conventillo, salvará sus fronteras, atravesará en los buques de vapor los rios tributarios del Plata, y penetrará, como un torrente fecundante, en el seno virgen de las provincias mediterráneas.

— Tienes razon, Mefistófeles, acudiu Behety. El *central argentino* va á operar en nuestro pais grandes transformaciones sociales, científicas é industriales.

— Por supuesto, tornou Gutierrez. Apenas el sonido de la corneta metálica de sus locomotoras disipe la sombra del pasado que envuelve á esas comarcas, cual en otro tiempo batieron las trompetas de Josué las murallas de Jericó, se realizarán grandes acontecimientos!

(Continua)

FRANCISCO D'ALMEIDA.

## QUE TRISTE FIM!...

Fui tambem este anno á romaria de Santo Antonio dos Olivares.

Não posso resistir! Quando vejo passar toda a gente muito alegre, a cantar, a rir, a correr, dá-me logo vontade d'ir n'aquella onda. Depois, a tentação dos carros! Uma pessoa vê-os ir cheios de passageiros, passageiros lá dentro, passageiros cá fóra, passageiros na boleia, no tejadilho, na imperial, e o cocheiro, de pé, a agitar o chicote ao alto — como um bravo porta-bandeira que dá o signal do combate — a chamar e a atrahir a gente! E d'esta vez, então, o arraial era fallado. Façam idéa! A um lado da estrada, em meio de um campo, tinham levantado um barracão, um grande barracão feito em tres dias, e a cuja entrada, n'um enorme cartaz, se lia o seguinte:

*Grande funcção!*

*Corda bamba!*

*Os anneis de Saturno!*

e mais abaixo:

*A celebre Mademoiselle Angeline*

*Assombro do Universo!*

Caspité! Entrei tambem no meio da grande affluencia.

Quando appareceu mademoiselle Angeline, os espectadores desataram todos as gargalhadas! Que triste espectáculo, santo Deus!

A mademoiselle Angeline tem os seus quarenta e oito annos, é feia, encarquilhada, pilhada, com raros cabellos loiros como farripas de uma estriga a cahirem sobre o rosto de pergaminho muito velho! Sobre o albardão espipado de uma égoa que manquejava n'um chouto duro, vinha ella, levantando ora um pé, ora outro, erguia os braços, e corria para o publico. Nada mais tragico, mais profundamente tragico do que ver aquella velha, com uma saia de cambraieta muito suja, calções de panninho, umas meias de algodão roxas desbotadas, os braços nus, posta de pé sobre um cavallo, a correr, n'um circo!

Aos estrepitosos applausos da troça, Angeline encolhia os hombros, d'onde rompiam umas clavículas angulosas, e sorria contrafeita, mostrando uma boca negra, hedionda e sem dentes! Sorria; e cuidei eu que a pobre mademoiselle Angeline chorava!

No fim do espectáculo vi mademoiselle Angeline atravessar a estrada, levando pela areata a égoa que lá coxeando atrás. Recolheu-a n'um telheiro que ficava defronte, estendeu um molho d'herva na mangedoura, e veiu encostar-se á humbreira da porta, de perna trçada, muito triste, pasmada, a olhar para mim, que a contemplava com pena!

Tive um presentimento de que aquella mulher me não devia ser totalmente extranha.

Convidei então o saltimbanco da companhia — um miseravel murciano com modos de assassino — a entrar na taberna proxima para comer. O homem accetou sem repugnancia; e, quando o vinho lhe deu mais vigor e rebrilho na pupilla, contou-me então a vida aventureira de Angeline, que veiu confirmar as minhas tristes suspeitas.

Eu conhecia fatalmente aquella desgraçada!

Se ainda me recordo d'aquella noite tormentosa!

Minha tia Magdalena entrara, ás onze horas da noite, no quarto de minha mãe.

Eu, que dormia n'uma cama pequenina junto do seu leito, accordei com aquellas vozes entrecortadas por soluços dilacerantes. Minha pobre mãe, com a cabeça de minha tia reclinada no seio e um braço passado sobre o hombro d'ella com protectiva ternura, chorava tambem, e dizia baixinho:

— Pobre Magdalena! minha pobre irmã!

Poucas vezes vira chorar uma pessoa crecida. Parecia-me que o chorar e o chorar afflicto, com soluços tremulos, era uma coisa tão feia, que nem ás creancinhas se perdoava.

E então minha mãe, que eu via sempre a sorrir, até quando me enxugava as lagrimas, era quem estava a chorar ali. Deitado de costas, com a cabecinha loira poisada no travesseiro, os olhos muito abertos, eu não sabia dizer bem se aquillo era um sonho. Á luz tenue da lamparina, que vacillava diante da imagem da Conceição, aquelles dois vultos, ali, na penumbra, immoveis, prostrados por um desgosto enorme, causavam inconscientemente no meu espirito uma impressão dolorosa. Escondi-me debaixo do lençol, e desatei a chorar tambem muito baixinho!

Só adormeci, quando minha tia Magdalena se retirou; mas, pela noite adiante, se accordava, voltava logo os olhos para o leito de minha mãe, ouvia-a ainda a soluçar, e via-a estremecer toda, debaixo da roupa.

No dia seguinte, todas as pessoas de minha casa andavam tristes, fallavam baixo — tal e qual, como quando tinha morrido meu avô!

Muitos annos depois, quando minha tia Magdalena expirou, contou-me minha mãe o que se passára n'essa noite.

Minha tia era casada, em segundas nupcias, com um homem mais novo quinze annos do que ella. Nos primeiros tempos não havia esposo mais amoravel. A differença de idades fazia até que da parte d'elle ao respeito de marido se reunisse uma obediencia affectuosa de filho.

Ella então amava-o, estremecia-o, idolatrava-o!

Um dia, porém, houve no seu coração um sobresalto terrivel. Desconfiou que o marido a trahia. Passou dias horrorosos, crueis, tendo de occultar aos olhos d'elle a dôr surda da desconfiança. Aquella dissimulação constante, a todas as horas do dia, dilacerava-a e minava-a como um cancro!

De uma vez o ciuime venceu todos os outros sentimentos da sua dignidade, e minha tia, fóra de si, anciosa, febril, quasi louca, procurou, farejou por toda a parte, nas gavetas, nas carteiras, nos bolsos, um vestigio qualquer que lhe confirmasse as suas suspeitas. Imagine-se a tortura d'aquelle coração!

Foi a tremer, sem tomar follego, com as pupillas dilatadas, que ella encontrou e leu avidamente uma carta que denunciava tudo.

N'essa carta era assim designada minha tia pela amante do marido: *la pauvre vieilote!*

Quando leu aquella phrase preversa, em que havia um ultrage á sua dignidade de esposa e uma falta absoluta de respeito aos seus cabellos brancos, a pobre senhora solton um grito dilacerante, como se um estylete acerado lhe varasse de repente a fibra mais melindrosa do seu coração.

Assaltou-a a idéa terrivel do suicidio. Mas, quando ia a fugir d'aquella casa, que lhe parecia vacillar debaixo dos seus passos, sentiu-se de repente presa para traz. Voltou bruscamente o rosto, e viu o filhinho mais novo, que tinha saltado do berço, e viera, com os pésinhos nus, em camisa, prender-se-lhe ás pregas do vestido, pedindo com um sorriso de cherubim:

— Mamã, mamã, collo!

Não ponde resistir! Com o filho nos braços, lavada em lagrimas, recordou-se então de ter visto um dia aquella mulher fatal.

Fôra uma noite d'um camarote do Circo de Santo Antonio, estando ao lado de seu marido.

Em baixo, na arena, uma mulher de cabellos loiros engrinaldados de flores, deslumbrante de formosura, era arrebatada sobre um enorme cavallo pigarço, que circulava a toda a brida, ao som entusiasta e vertiginoso de um galope. Com uma saia muito curta e tufada, de gaze cõr de rosa, que lhe cingia os quadris como uma nuvem transparente, Angeline equilibrava-se, com a ponta d'um pé sobre o teliz de velludo azul franjado d'ouro, os braços nus arqueados no ar, a sorrir, lançada para traz, na attitude phantastica de uma sylphide vaporosa que perpassa.

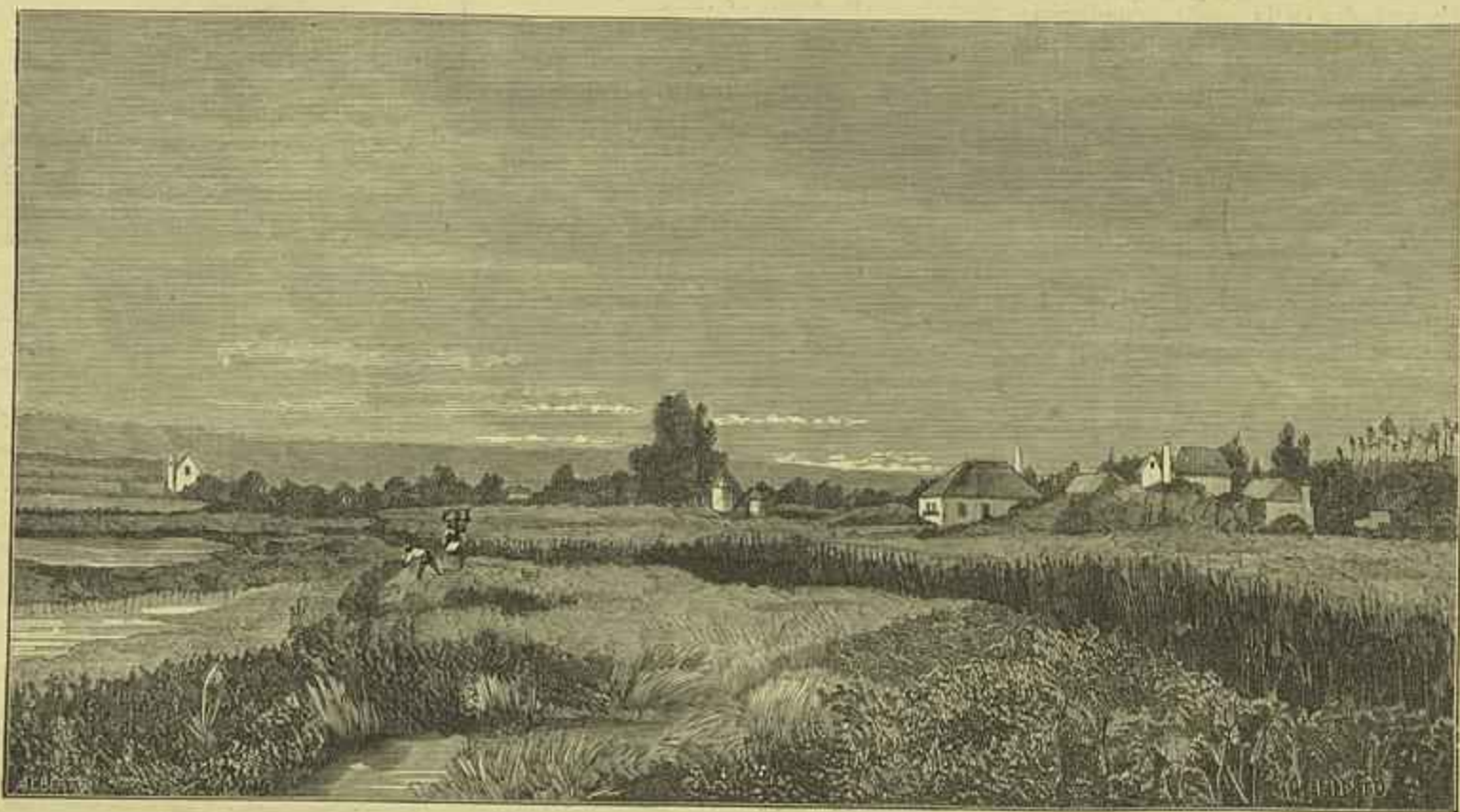
Os palhaços, pintados d'alvaiade, oppunham á sua passagem grandes circulos de papel de seda, que Angeline atravessava rapidamente, de um salto, a pés juntos, rasgando-os, e surgindo mais gloriosa, mais triumphante, como uma apparição d'entre a rosea sublime d'alvorada.

Oh! era uma loucura!

Na platéa, nos camarotes, nas galerias, por toda a parte, homens de pé, doidos d'entusiasmo, applaudiam Angeline com uma tempestade de palmas!

E ella, a offegar, muito cançada, sentada nas ancas do cavallo, que caminhava a passo, a esbofar, de cabeça oscillante, agradecia radiante de jubilo, espalhando beijos, mil beijos

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS-ARTES EM PORTUGAL, EM 1880



EM CORROIOS — PAIZAGEM — Quadro de Henrique Pinto (Desenho do mesmo auctor)

tentadores nas pontas dos seus dedos côr de rosa!

Foi então que o marido de minha tia se levantou de repente no camarote, estenden os braços, e começou a gritar, batendo palmas: — Bravo! bravo! bravo, Angeline!

Seis mezes depois de minha tia Magdalena ler a carta, preveniu-a o marido de que resolvera trazer para casa uma mestra franceza para educar os filhos. E, sem attender ás objecções dolorosas da mulher, entrou no dia seguinte em casa na companhia de Angeline.

Depois, uma velha criada de minha tia, sentindo, alta noite, passos na cozinha, desceu pé ante pé as escadas, e foi espreitar á porta, receiosa de que andassem ladrões em casa.

O que ella viu!

Angeline, em saias brancas, com os cabellos soltos em desalinho, muito pallida, a tremer, as feições transtornadas, moia vagorosamente com uma torquez um pedaço de vidro, que ia cahindo desfeito em pó sobre um prato.

A pobre velha estremeceu toda, e sentiu-se quasi estrangulada, como se duas valentes mãos invisiveis lhe apertassem de repente a garganta. Recuou instinctivamente cheia de terror, quasi gelada, com os cabellos de pé! Foi na noite immediata, não tendo comido nada, nem deixando comer os filhos durante o dia, que minha tia Magdalena appareceu em minha casa, a chorar com duas creancinhas ao collo, pedindo agasalho!

Tres dias depois da romaria de Santo Antonio dos Olivaes, quando eu ia a passar na diligencia em Sargento-Mór, vi parado á porta de uma taberna, que fica á beira da estrada uma especie de carro d'estafeta, coberto com um toldo abaulado de lona encerada. Dentro da tasca, abancado com outros freguezes, o saltimbanco hespanhol comia e bebia á farta, cantando canções maliciosas:

*Hay amores por capricio  
Amores por illusiones. . .*

Cá fora, debaixo d'um sol tropical de junho, estava mademoiselle Angeline, diante da égoa, a chegar-lhe um molho de herva, que a pobre besta, presa entre os varaes do carro, abatida

pelo calor e pela fadiga, regeitava melancolicamente, voltando a cabeça para o lado!

E, enquanto eu pensava, cheio de commiserção, no triste fim d'aquella mulher, aos pés da qual, vinte annos antes, alguns homens ricos e felizes atiravam punhados d'ouro, — perdia-se pela estrada, ainda ao longe, a voz rouquenha do saltimbanco, que terminava:

*Hay amores que se alugilam  
Como los coches sino... nes!*

ALBERTO BRAGA.

## BIBLIOGRAPHIA

LA ILUSTRACIÓ CATALANA. — Temos recebido os primeiros numeros d'esta nova publicação periodica, com que a laboriosa capital da Catalunha assegura cada vez mais a sua individualidade e a persistencia da sua lingua tão singular. Por enquanto achamos bem cumprido o seu programma; e quando outras razões seculares e historicas, nos não excitassem a sympathia por aquelle energico e laborioso principado, bastava a recommendação ao nosso espirito, ser mais uma prova da sua pujante nacionalidade. Desejamos-lhe longa vida, prospero successo e a continuacão da sua amavel correspondencia.

CONTOS D'ALDEIA, por Alberto Braga. — Esta collecção, de que fazem parte alguns trechos publicados nas columnas do nosso quinzenario, é mais uma affirmacão das bellas faculdades litterarias do author. Conhecimento local, linguagem propria, singeleza da narrativa, pureza e delicadeza do estylo, e sentimento profundo constituem o encanto d'este bello ramalhete.

A GRAPULA, poema por Placido d'Abreu, brasileiro. — Achamos o quadro repugnante, mas não obstante isso vemos que o auctor concebe com alguma força e expõe com certa ousadia. A sua versificação é fluente, apesar de algumas incorrecções de estylo e de linguagem; tem, o que não é raro nos noveis escriptores, alguns desmandos, comparações abstrusas e outros senões que com o tempo, e uma melhor percepção do gosto, poderá vir a emendar.

METHODO SIMULTANEO DE LEITURA E ESCRITURA. — São já tantos os methodos de leitura e escripta, que nem já sabemos qual é o melhor, e qual o peor. Entre uma verdadeira dedicacão pelo ensino, apparecem de mistura as especulações do mercantilismo litterario e profissional, o

peior de todos. É por isso que mal nos sabemos determinar na escolha. Não julgamos que a tentativa do sr. Branco Rodrigues esteja destinada a fazer alteracão nos methodos do ensino, nem nos parece a sua opinião e systema o mais adquado ás nossas creanças. Sabemos que tem tido alguns apologistas lá fóra, mas não tanta generalisacão como o auctor assegura, porque, especialmente na Alemanha onde o caracter da letra escripta, é tão diverso do da letra impressa, mal comprehendemos como se pôde passar sem esforço de um para o outro. Por esta occasião diremos que compete aos poderes publicos fazer um severo estudo sobre este importante ponto, afim de se poder introduzir uma certa ordem, methodo e simplicidade, pelo menos no ensino official. O conselho de instrucção publica deve ser cuidadoso em estudar estes assumptos, e rigoroso na approvação de tantas obras submettidas ao seu exame algumas das quaes tem verdadeiro merecimento, nas outras até estão evadas dos erros mais grosseiros.

## AVISO

É correspondente d'esta empresa em Pariz, M.<sup>me</sup> V.<sup>ve</sup> Aillaud Guillard & C.<sup>ie</sup> — Rue St. André des Arts, 47 — onde se recebem assignaturas para este jornal.

## ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:  
Quem caminha por atalhos nunca sae de sobresaltos.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRERES TYP. LISBOA  
6, Rua do Thezouro Velho, 4